

José Américo Miranda  
(Organizador)

**POESIA BRASILEIRA  
ÉPOCA BARROCA  
I  
ANTOLOGIA**

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2004

**Diretoria da Faculdade de Letras**

*Prof.<sup>a</sup> Eliana Amarante de Mendonça Mendes*

**Vice-Diretora**

*Prof.<sup>a</sup> Verônika Benn-Ibler*

**Projeto Gráfico da Capa**

*Glória Campos*

**Preparação e revisão do texto**

*José Américo Miranda*

**Acabamento**

*Humberto Mendes*

Endereço para correspondência:

*FALE/UFMG – Setor de Publicações*

*Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3025*

*31.270-901. Belo Horizonte/MG*

*Fone/Fax: (31)3499-6007*

*E-mail: relin@letras.ufmg.br*

*publicacoesonlin@hotmail.com*

## Sumário

EUSÉBIO DE MATOS .....	5
GREGÓRIO DE MATOS .....	10
MANUEL BOTELHO DE OLIVEIRA .....	25
BERNARDO VIEIRA RAVASCO .....	45

## EUSÉBIO DE MATOS

### **À INSTITUIÇÃO do Santíssimo Sacramento na Ceia de Quinta-Feira Santa** SONETO

Pertendeis hoje, ó Deus sacramentado,  
em branca nuve, aos olhos escondido,  
livrar ausente a queixa de esquecido,  
lograr presente a glória de lembrado.

Buscais amante as almas disfarçado,  
sendo, quando encoberto e escondido,  
segredo expostamente encarecido,  
vida na morte, alívio no cuidado.

Mas causa este prodígio, este protento,  
de mistério maior, e mais profundo,  
assombros ao melhor entendimento:

Em o que vejo com razão me fundo;  
porque sendo um segredo o sacramento  
sei, que se há de guardar por todo o mundo.

### **AOS DESMAIOS, e Angústias, que Teve Cristo Senhor Nosso, e Suores de Sangue no Horto de Getsêmani, Quando Foi a Orar ao Eterno Pai** SILVA

Já sepultava os apolíneos raios  
em túmulos de neve o sol ardente,  
e em contínuos desmaios,  
por ausência da clara luz febéia,  
a república estava de Amaltéia;  
a negra noite, a natural cortina  
correndo aos brancos raios de [Lucina],  
só por se opor do céu às luzes belas,  
de nublado se armou contra as estrelas;

quando às leis do preceito obediente,  
e de amor obrigado,  
Cristo, filho de Deus onipotente,  
vendo chegada a hora da partida,  
ao tempo desejado  
de dar com sua morte aos homens vida,  
busca a Getsêmani, para os ensaios  
de mortas flores, e eclipsados maios.

Em profundo silêncio o Horto estava,  
que já de sentimentos prevenido;  
a mais fragante flor não respirava;  
via-se todo o monte revestido  
de emaranhados troncos,  
gadelha excelsa dos penedos broncos,  
que, tecendo entre [si] frondosos laços,  
eram das nuvens verdes embaraços,  
cujas folhas, sendo línguas de esmeraldas,  
mudas se viam todas, e emparelhadas;  
um pouco antes [intérpretes do vento,]  
porque só as movia o sentimento,  
[c' o zéfiro brando que corria,]  
[nem a mais leve delas se movia,]  
vendo atrever-se a tempestade humana  
do campo à flor mais linda e soberana.

As aves, que com músicas sonoras,  
eram do dia alegres percursoras,  
deixando o doce agrado dos raminhos,  
temerosas estavam nos seus ninhos.

As ovelhas, que o monte coroavam  
no mais oculto vale se escondiam;  
e os filhos, que medrosos não berravam,  
nas tetas afagando adormeciam;  
que sendo então o sentimento justo  
fez amor maternal tréguas c' o susto.

O leão valeroso  
na cova se ocultava temeroso,  
vendo o supremo Leão, Deus verdadeiro,

que tornado estava manso Cordeiro.

Parava o rio a líqüida corrente,  
sendo, em confusão tanta ali somente,  
as cristalinas águas de uma fonte  
lágrimas que chorava todo o monte.

Neste pois, com desvelo e com cuidado,  
Cristo, de amor dos homens obrigado,  
ocultando divinos resplandores,  
com mistério profundo,  
por dar a melhor luz a todo o mundo,  
mandando ao Pai divinos pensamentos,  
as glórias disfarçou, pediu tormentos.

Pronto o espírito estava,  
alerta, vigilantes os sentidos;  
tímida a humanidade,  
posta nas mãos do Pai toda a vontade;  
e os tormentos cruéis tão prevenidos,  
que o sangue que nas veias se ocultava,  
na consideração de pena tanta,  
banhando flor a flor, e planta a planta,  
tão liberal e pródigo corria  
que roxas primaveras produzia.

Agora, ó doce Bem, meu Deus, agora,  
é mais que bronze quem de dor não chora;  
paguem, paguem, meus olhos nunca enxutos,  
a vosso amor de lágrimas tributos;  
quebre-se o coração do peito adentro,  
[já que do coração padece o centro.]

Ai, meus doces Amores,  
bem receava eu que esses rigores  
havam malograr vossas finezas,  
pois, com tão vis baixeiras,  
trazem já por costume ou por officio  
anexa a ingratidão ao benefício.

Mas como assim, tormentos dilatados,  
os quereis padecer antecipados?  
porém o vosso amor, pelo que vejo,  
quer que o achem armado de desejo,

mostrando nesse sangue, que derrama,  
que nunca sofre dilacões quem ama.

Como, pois, me dilato  
em amar-vos, meu Bem, cega loucura!  
serei de bronze feito, ou pedra dura!  
mas se de bronze o coração tivera,  
nesse fogo de amor o derreteria;  
e se de pedra o coração julgara,  
de sentimento o coração quebrara;  
pois sei que em vossa morte (que portento!)  
quebrar as pedras pôde o sentimento.

Como, logo, é possível  
não sentir eu, sentindo o insensível?  
mas se em vossos tormentos considero,  
esse milagre só de vós espero:  
fazei, Amor, que o sinta de tal sorte  
que, imaginando sempre em vossa morte,  
de uma dor, que no peito amante cabe,  
a minha vida em vossa morte acabe.

## GREGÓRIO DE MATOS

### **À canseira da vida humana**

Carregado de mim ando no mundo,  
E o grande peso embarga-me as passadas,  
Que como ando por vias desusadas,  
Faço crescer o peso e vou-me ao fundo.

O remédio será seguir o imundo  
Caminho onde dos mais vejo as pisadas,  
Que as bestas juntas andam mais ornadas  
Do que anda só o engenho mais fecundo.

Não é fácil viver entre os insanos,  
Erra quem presumir que sabe tudo,  
Se o atalho não soube de seus danos.

O prudente Varão há-de ser mudo,  
Que é melhor neste mundo, mar de enganos,  
Ser louco c'os demais que só sisudo.

### **Contemplando nas cousas do mundo desde o seu retiro, lhe atira com o seu ápage, como quem a nado escapou da tormenta Soneto**

Neste mundo é mais rico o que mais rapa:  
Quem mais limpo se faz tem mais carepa;  
Com sua língua, ao nobre o vil decepa:  
O velhaco maior sempre tem capa.

Mostra o patife da nobreza o mapa:  
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;  
Quem menos falar pode, mais increpa:  
Quem dinheiro tiver, pode ser papa.

A flor baixa se inculca por tulipa;  
Bengala hoje na mão, ontem garlopa:  
Mais isento se mostra o que mais chupa.

Para a tropa do trapo vazo a tripa,

E mais não digo, porque a musa topa  
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

### **À cidade da Bahia Soneto**

Triste Bahia! ó quão dessemelhante  
Estás e estou do nosso antigo estado!  
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,  
Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a máquina mercante,  
Que em tua larga barra tem entrado,  
A mim foi-me trocando, e tem trocado,  
Tanto negócio e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente  
Pelas drogas inúteis, que abelhuda  
Simples aceitas do sagaz brichote.

Oh se quisera Deus que de repente  
Um dia amanheceras tão sisuda  
Que fora de algodão o teu capote!

### **Aos principais da Bahia, chamados os caramurus**

Há coisa como ver um paiaíá  
Mui prezado de ser caramuru,  
Descendente de sangue de tatu,  
Cujo torpe idioma é cobepá?

A linha feminina é carimá,  
Muqueca, pititinga, caruru,  
Mingau de puba, vinho de caju  
Pisado num pilão de Pirajá.

A masculina é um aricobé,  
Cuja filha cobé c'um branco paí  
Dormiu no promontório de Passé.

O branco era um marau que veio aqui:  
Ela é uma índia de Maré,  
Cobepá, aricobé, cobé, paí.

### **Ao Conde de Ericeira D. Luís de Meneses pedindo louvores ao Poeta, não lhe achando ele préstimo algum**

Um soneto começo em vosso gabo,  
Contemos esta regra por primeira;  
Já lá vão duas e esta é a terceira,  
Já este quartetinho está no cabo.

Na quinta troce agora a porca o rabo,  
A sexta vá também desta maneira;  
Na sétima entro já com grã canseira,  
E saio dos quartetos muito brabo.

Agora nos tercetos que direi?  
Direi que vós, Senhor, a mim me honrais,  
Gabando-vos a vós, e eu fico um rei.

Nesta vida um soneto já ditei,  
Se desta agora escapo, nunca mais;  
Louvado seja Deus, que o acabei.

### **No sermão que pregou na Madre de Deus Dom João Franco de Oliveira, pondera o Poeta a fragilidade humana**

Na oração que desaterra.....aterra,  
Quer Deus que a quem está o cuidado.....dado  
Pregue que a vida é emprestado.....estado,  
Mistérios mil que desenterra.....enterra.

Quem não cuida de si que é terra.....erra,  
Que o alto Rei por afamado.....amado  
E quem lhe assiste ao desvelado.....lado  
Da morte ao ar não desaferra.....aferra.

Quem do mundo a mortal loucura.....cura,  
À vontade de Deus sagrada.....agrada

Firmar-lhe a vida em atadura.....dura.

Ó voz zelosa que dobrada.....brada,  
Já sei que a flor da formosura.....usura  
Será no fim desta jornada.....nada.

### **À instabilidade das cousas do Mundo**

Nasce o Sol e não dura mais que um dia,  
Depois da luz se segue a noite escura,  
Em tristes sombras morre a formosura,  
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém se acaba o Sol, por que nascia?  
Se é tão formosa a luz, por que não dura?  
Como a beleza assim se transfigura?  
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol e na luz falte a firmeza,  
Na formosura não se dê constância,  
E na alegria sintá-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,  
E tem qualquer dos bens por natureza  
A firmeza somente na inconstância.

### **Aos capitulares do seu tempo**

#### DÉCIMA

A nossa Sé da Bahia,  
com ser um mapa de festas,  
é um presépio de bestas,  
se não for estrebaria:  
várias bestas cada dia  
vemos, que o sino congrega,  
Caveira mula galega,  
o Deão burrinha parda,  
Pereira besta de albarda,  
tudo para a Sé se agrega.

#### **Mote**

*A mais formosa, que Deus.*

Eu com duas Damas vim  
de uma certa romaria,  
uma feia em demasia,  
sendo a outra um Serafim:  
e vendo-as eu ir assim  
sós, sem amantes seus,  
lhes perguntei, Anjos meus,  
que vos pôs em tal estado?  
A feia diz, que o pecado,  
a mais formosa, que Deus.

#### **Define a sua cidade.**

#### MOTE

*De dous ff se compõe  
esta cidade a meu ver,  
um furta, outro foder.*

#### GLOSA

1  
Recopilou-se o direito,  
e quem o recopilou  
com dous ff o explicou  
por estar feito, e bem feito:  
por bem digesto, e colheito  
só com dous ff o expõe,  
e assim quem os olhos põe  
no trato, que aqui se encerra,  
há de dizer, que esta terra  
de dous ff se compõe.

#### 2

Se de dous ff composta  
está a nossa Bahia,  
errada a ortografia  
a grande dano está posta:  
eu quero fazer aposta,

e quero um tostão perder,  
que isso a há de perverter,  
se o *furtar* e o *foder* bem  
não são os ff que tem  
esta cidade a meu ver.

3  
Provo a conjetura já  
prontamente como um brinco:  
Bahia tem letras cinco  
que são BAHIA,  
logo ninguém me dirá  
que dous ff chega a ter,  
pois nenhum contém sequer,  
salvo se em boa verdade  
são os ff da cidade  
um furtar, outro foder.

**Torna a definir o poeta os maos modos de obrar na governança da  
Bahia, principalmente naquela universal fome, que padecia a cidade.**

#### EPÍLOGOS

1  
Que falta nesta cidade?.....Verdade  
Que mais por sua desonra.....Honra  
Falta mais que se lhe ponha.....Vergonha.  
    O demo a viver se exponha,  
    por mais que a fama a exalta,  
    numa cidade, onde falta  
    Verdade, Honra, Vergonha.

2  
Quem a pôs neste socrócio?.....Negócio  
Quem causa tal perdição?.....Ambição  
E o maior desta loucura?.....Usura.  
    Notável desventura  
    de um povo néscio, e sandeu,  
    que não sabe, que o perdeu  
    Negócio, Ambição, Usura.

3

Quais são seus doces objetos?.....Pretos  
Tem outros bens mais maciços?.....Mestiços  
Quais destes lhe são mais gratos?.....Mulatos.  
    Dou ao demo os insensatos,  
    dou ao demo a gente asnal,  
    que estima por cabedal  
    Pretos, Mestiços, Mulatos.

4

Quem faz os círios mesquinhos?.....Meirinhos  
Quem faz as farinhas tardas?.....Guardas  
Quem as tem nos aposentos?.....Sargentos.

Os círios lá vêm aos centos,  
e a terra fica esfaimando,  
porque os vão atravessando  
Meirinhos, Guardas, Sargentos.

5

E que justiça a resguarda?.....Bastarda  
É grátis distribuída?.....Vendida  
Que tem, que a todos assusta?.....Injusta.

Valha-nos Deus, o que custa,  
o que El-Rei nos dá de graça,  
que anda a justiça na praça  
Bastarda, Vendida, Injusta.

6

Que vai pela clerezia?.....Simonia  
E pelos membros da Igreja?.....Inveja  
Cuidei, que mais se lhe punha?.....Unha.

Sazonada caramunha!  
enfim que na Santa Sé  
o que se pratica, é  
Simonia, Inveja, Unha.

7

E nos Frades há manqueiras?.....Freiras  
Em que ocupam os serões?.....Sermões  
Não se ocupam em disputas?.....Putas.

Com palavras dissolutas  
me concluí na verdade,  
que as lidas todas de um Frade  
são Freiras, Sermões, e Putas.

8

O açúcar já se acabou?.....Baixou  
E o dinheiro se extinguiu?.....Subiu  
Logo já convalesceu?.....Morreu.

À Bahia aconteceu  
o que a um doente acontece,  
cai na cama, o mal lhe cresce,  
Baixou, Subiu, e Morreu.

9

A Câmara não acode?.....Não pode  
Pois não tem todo o poder?.....Não quer  
É que o governo a convence?.....Não vence.

Quem haverá que tal pense,  
que uma Câmara tão nobre  
por ver-se mísera, e pobre  
Não pode, não quer, não vence.

### **Descreve o que era naquele tempo a cidade da Bahia Soneto**

A cada canto um grande conselheiro  
Que nos quer governar cabana e vinha;  
Não sabem governar sua cozinha,  
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um bem freqüente olheiro  
Que a vida do vizinho e da vizinha  
Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha,  
Para o levar à praça e ao terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,  
Trazidos sob os pés os homens nobres,  
Posta nas palmas toda a picardia,

Estupendas usuras nos mercados,  
Todos os que não furtam muito pobres:  
E eis aqui a cidade da Bahia.

### **Benze-se o poeta de várias ações que observa na sua pátria Letras**

Destes que campam no mundo  
sem ter engenho profundo,  
e, entre gabos dos amigos,  
os vemos em papa-figos  
sem tempestade, nem vento:  
Anjo bento.

De quem com letras secretas  
tudo o que alcança é por tretas,  
baculejando sem pejo,  
por matar o seu desejo,  
desde a manhã té a tarde:  
Deus me guarde.

Do que passeia farfante,  
muito prezado de amante,  
por fora luvas, galões,  
insígnias, armas, bastões,  
por dentro pão bolorento:  
Anjo bento.

Destes beatos fingidos,  
cabisbaixos, encolhidos,  
por dentro fatais maganos,  
sendo nas caras uns Janos,  
que fazem do vício alarde:  
Deus me guarde.

Que vejamos teso andar  
quem mal sabe engatinhar,  
muito inteiro e presumido,  
ficando o outro abatido  
com maior merecimento:  
Anjo bento.

Destes avaros mofinos  
que põem na mesa pepinos  
de toda a iguaria isenta,  
com seu limão e pimenta,  
porque diz que queima e arde:  
Deus me guarde.

Que pregue um douto sermão  
um alarve, um asneirão,  
e que esgrima em demasia  
quem nunca lá na sofia  
soube por um argumento:  
Anjo bento.

Desse santo emascarado  
que fala do meu pecado  
e se tem por Santo Antônio,  
mas em lutas com o demônio  
se mostra sempre cobarde:  
Deus me guarde.

Que atropelando a justiça  
só com virtude postiça,  
se premie o delinqüente,  
castigando o inocente  
por um leve pensamento:  
Anjo bento.

### **Reprovações**

Se sois homem valoroso,  
Dizem que sois temerário,  
Se valente, espadachim,  
E atrevido, se esforçado.

Se resoluto – arrogante,  
Se pacífico, sois fraco,  
Se precatado – medroso,  
E se o não sois – confiado.

Se usais justiça, um Herodes,

Se favorável, sois brando,  
Se condenais, sois injusto,  
Se absolveis, estais peitado.

Se vos dão, sois um covarde,  
E se dais, sois desumano,  
Se vos rendeis, sois traidor,  
Se rendeis – afortunado.

Se sois plebeus, sois humilde,  
Soberbo, se sois fidalgo,  
Se sois segundo, sois pobre,  
E tolo se sois morgado.

Se galeais, sois fachada;  
E se não – não sois bizarro,  
Se vestis bem, sois grã-moda,  
Se mal vestis, sois um trapo.

Se comeis muito, guloso,  
E faminto, se sois parco,  
Se comeis bem, regalão,  
E se mal, nunca sois farto.

Se não sofreis, imprudente,  
Se sofreis, sois um coitado,  
Se perdoais, sois bom homem,  
E se não sois – um tirano.

Se brioso, tendes fumos,  
E se não, sois homem baixo,  
Se sois sério, descortês,  
Se cortês, afidalgado.

Se defendeis, sois amigo,  
Se o não fazeis, sois contrário,  
Se sois amigo, suspeito,  
Se o não sois – afeiçoado.

Se obrais mal, sois ignorante,  
Se bem obrais, foi acaso,  
Se não servis, sois isento,  
E se servis, sois criado.

Se virtuoso – fingido,  
E hipócrita se beato,  
Se zeloso – impertinente,  
E se não, sois um pastrano.

Se sois sisudo – intratável,  
Se sois devoto, sois falso,  
Pertinaz, se defendente,  
Se argüinte, porfiado.

Se discreto – prevenido,  
E se não, sois insensato,  
Se sois modesto, sois simples,  
E se o não sois, sois um diabo.

Se sois gracioso, sois fátuo,  
E se não sois, um marmanjo,  
Se sois agudo – tresledes,  
E se o não sois, sois um asno.

Se não compondes, sois néscio,  
Se escreveis, sois censurado,  
Se fazeis versos, sois louco,  
E se o não fazeis, sois parvo.

Se previsto – feiticeiro,  
E se não, desmazelado,  
Se verdadeiro – bom homem,  
Muito humilde, se sois lhano.

Se robusto, sois grosseiro,  
Se dedicado, sois brando,  
Se descansado – ocioso,  
Se para pouco, sois tranco.

Se sois gordo, sois balofo,  
Sois tísico, se sois magro,  
Se pequeno, sois anão,  
E gigante, se sois alto.

Se sois nobre, sois pelão,  
E se oficial, sois baixo,

Se solteiro – extravagante,  
Se noivo, sois namorado.

Se corado, figadal  
Descorado, se sois alvo,  
Se grande nariz – judeu,  
Se trigueiro, sois mulato.

Se liberal, sois perdido,  
E se o não sois, sois escasso,  
Se sois pródigo, vicioso,  
E avarento, se poupado.

Se não despendeis – mesquinho,  
Se despendeis, sois mui largo,  
Se não gastais – miserável,  
Se gastais – desperdiçado.

Se honesto sois, não sois homem,  
Impotente, se sois casto,  
Se não namorais, fanchono,  
Se o fazeis, sois estragado.

Se não luzis, não sois gente,  
Se luzis, sois mui pregado,  
Se pedis, sois pobretão,  
E se não, fazeis Calvários.

Se andais devagar – mimoso,  
Se depressa, sois cavalo,  
Mal-encarado, se feio,  
Se gentil, efeminado.

Se falais muito, palreiro,  
Se falais pouco, sois tardo,  
Se em pé, não tendes assento,  
Preguiçoso, se assentado.

E assim não pode viver  
Neste Brasil infestado,  
Segundo o que vos refiro,  
Quem não seja reprovado.

### **À despedida do mau governo que fez este governador Soneto**

Senhor Antão de Sousa de Meneses,  
Quem sobe a alto lugar, que não merece,  
Homem sobe, asno vai, burro parece,  
Que o subir é desgraça muitas vezes.

A fortunilha autora de entremezes  
Transpõe em burro o herói, que indigno cresce:  
Desanda a roda, e logo o homem desce,  
Que é discreta a fortuna em seus reveses.

Homem sei eu que foi vossenhoria,  
Quando o pisava da fortuna a roda,  
Burro foi ao subir tão alto clima.

Pois vá descendo do alto, onde jazia;  
Verá quanto melhor se lhe acomoda  
Ser home em baixo, do que burro em cima.

## MANUEL BOTELHO DE OLIVEIRA

### **Iras de Anarda castigadas – Soneto VI**

Do cego deus, Anarda, compelido  
Vejo teu rosto, e digo meu tormento;  
Digo para favor do sentimento,  
Vejo para recreio do sentido;

As rosas de teu rosto desabrido,  
De teus olhos o esquivo luzimento;  
Este fulmina logo o raio isento  
Estas espinham logo ao deus Cupido.

Porém para experiências amorosas,  
Quando de amor as ânsias atropelas,  
As perfeições se mudam deslustrosas;

Porque tomando amor vingança delas,  
Nos rigores te afeia as lindas rosas,  
Nas iras te escurece as luzes belas.

### **Vendo a Anarda depõe o sentimento – Soneto VII**

A Serpe, que adornando várias cores,  
Com passos mais oblíquos, que serenos,  
Entre belos jardins, prados amenos,  
É maio errante de torcidas flores;

Se quer matar da sede os desfavores,  
Os cristais bebe coa peçonha menos,  
Porque não morra cos mortais venenos,  
Se acaso gosta dos vitais licores.

Assim também meu coração queixoso,  
Na sede ardente do feliz cuidado  
Bebe cos olhos teu cristal fermoso;

Pois para não morrer no gosto amado,  
Depõe logo o tormento venenoso,

Se acaso gosta o cristalino agrado.

### **Ponderação do rosto e olhos de Anarda Soneto X**

Quando vejo de Anarda o rosto amado,  
Vejo ao céu e ao jardim ser parecido;  
Porque no assombro do primor luzido  
Tem o sol em seus olhos duplicado.

Nas faces considero equivocado  
De açucenas e rosas o vestido;  
Porque se vê nas faces reduzido  
Todo o império de Flora venerado.

Nos olhos e nas faces mais galharda  
Ao céu prefere quando inflama os raios,  
E prefere ao jardim, se as flores guarda:

Enfim dando ao jardim e ao céu desmaios,  
O céu ostenta um sol; dous sóis Anarda,  
Um maio o jardim logra; ela dous maios.

### **Ao sono Soneto XIII**

Quando em mágoas me vejo atribulado,  
Vem, sono, a meu desvelo padecido,  
Refrigera os incêndios do sentido,  
Os rigores suspende do cuidado.

Se no monte Cimério retirado  
Triste lugar ocupas, te convido  
Que venhas a meu peito entristecido,  
Porque triste lugar se tem formado.

Se querem noite escura teus intentos,  
E se querem silêncio; nas tristezas  
Noite e silêncio tem meus sentimentos:

Porque triste e secreto nas ternezas,  
É meu peito ãa noite de tormentos,  
É meu peito um silêncio de finezas.

**Encarece a fineza do seu tormento**  
**Soneto XIX**

Meu pensamento está favorecido,  
Quando cuida de Anarda o logro amado;  
Ele se vê nas glórias do cuidado,  
Eu me vejo nas penas do sentido.

Ele alcança o fermoso, eu o sofrido,  
Ele presente vive, eu retirado;  
Eu no potro de um animal atormentado,  
Ele no bem, que logra, presumido.

Do pensamento está muito ofendida  
Minha alma, do tormento desejosa,  
Porque em glória se vê, bem que fingida:

Tão fina pois, que está por amorosa,  
De um leve pensamento arrependida,  
De um vão contentamento escrupulosa.

**Encarecimento dos rigores de Anarda**  
**Madrigal VI**

Se meu peito padece,  
O rochedo mais duro se entenece;  
Se afino o sentimento,  
O tronco se lastima do tormento;  
Se acaso choro e canto,  
A fera se entristece do meu pranto;  
Porém nunca estas dores  
Abrandam, doce Anarda, teus rigores.  
Oh condição de um peito!  
Oh desigual efeito!

Que não possa abrandar ãa alma austera  
O que abranda ao rochedo, ao tronco, à fera!

**Ao mesmo [véu de Anarda]  
Madrigal X**

Se me encobres, tirana,  
De teu rosto gentil a luz ufana,  
Julga meu pensamento  
Que hás de dar bem ao mal, gosto ao tormento;  
Sendo esse linho, se padeço tanto,  
Às chagas atadura, lenço ao pranto.

**Conveniências do rosto e peito de Anarda  
Madrigal XIX**

Teu rosto por florido  
Com belo rosicler se vê luzido;  
Teu peito a meus amores  
Brota agudos rigores;  
Uniste enfim por bens e penas minhas  
No rosto rosas e no peito espinhas.

**Sono pouco permanente  
Décima**

Quando, Anarda, o sono brando  
Quer suspender meus tormentos,  
Condenando os sentimentos,  
Os desvelos embargando;  
Dura pouco, porque quando  
Cuido que em belo arrebol  
Estou vendo teu farol,  
Foge o sono à cova fria;  
Porque lhe amanhece o dia,  
Porque lhe aparece o sol.

**Comparações no rigor de Anarda  
Décima**

Quando Anarda me desdenha  
Afetos de um coração,  
É diamante Anarda? não,  
Não diamante, porque é penha:  
Penha não, porque se empenha,  
Qual áspid seu rigor forte;  
Áspid não, que tem por sorte  
Ser qual tigre na crueza:  
Tigre não, que na fereza  
Tem todo o império da Morte.

**Comparação dos gigantes com os pensamentos amorosos  
Décima**

Ao céu de Anarda lustroso  
Com montes de vãos intentos  
Subiram meus pensamentos  
Gigantes, no ardor queixoso;  
Fulminou logo o penoso  
Castigo de desfavores  
Apesar de altos primores;  
Que em merecidos desmaios  
Seus rigores foram raios  
Etnas foram meus ardores.

**Eco de Anarda  
Décima**

Entre males desvelados,  
Entre desvelos constantes,  
Entre constâncias amantes,  
Entre amores castigados;  
Entre castigos chorados,  
E choros, que o peito guarda,  
Chamo sempre a bela Anarda  
E logo a meu mal, fiel,  
Eco de Anarda cruel

Só responde ao peito que arda.

**Anarda passando o Tejo em uma barca  
Romance I**

O cristal do Tejo Anarda  
Em ditosa barca sulca;  
Qual perla, Anarda se alinda,  
Qual concha, a barca se encurva.

Se falta o vento, Cupido  
Batendo as asas com fúria,  
Zéfiro alenta amoroso,  
Aura respira segura.

Aumenta o Tejo seus logros,  
Que com tanta fermosura  
Cristal em seu colo bebe,  
Ouro em seu cabelo usurpa.

Se bem nas águas copiado,  
Ali se viam confusas  
Ondas de ouro no cabelo,  
E do cristal ondas puras.

Já deixa o nome de rio,  
Oceano se assegura,  
Pois a branca Tétis logra,  
Pois o claro sol oculta.

Corta o aljofre escumoso,  
Que como Vênus se julga,  
Ufano se incha o aljofre,  
Cândida se ri a escuma.

De seus olhos fuge o rio,  
Que pois nele a vista ocupa,  
Evitar seus olhos trata,  
Fugir às chamas procura.

Logrando o cabelo a barca,  
(Se bem feliz, o não furta)  
Um por véu de ouro se jacta,  
Outra por Argo se inculca.

Ardem chamas nágua, e como  
Vivem das chamas, que apura,  
São ditosas Salamandras  
As que são nadantes turbas.

Meu peito também, que chora  
De Anarda ausências perjuras,  
O pranto em rio transforma,  
O suspiro em vento muda.

**A um grande sujeito invejado e aplaudido  
Soneto II**

Temerária, soberba, confiada,  
Por altiva, por deusa, por lustrosa,  
A exalação, a névoa, a mariposa,  
Sobe ao sol, cobre o dia, a luz lhe enfada.

Castigada, desfeita, malograda,  
Por ousada, por débil, por briosa,  
Ao raio, ao resplendor, à luz fermosa,  
Cai triste, fica vã, morre abrasada.

Contra vós solícita, empenha, altera,  
Vil afeto, ira cega, ação perjura,  
Forte ódio, rumor falso, inveja fera.

Esta cai, morre aquele, este não dura,  
Que em vós logra, em vós acha, em vós venera,  
Claro sol, dia cândido, luz pura.

**À vida solitária  
Soneto IX**

Que doce vida, que gentil ventura,

Que bem suave, que descanso eterno,  
Da paz armado, livre do governo,  
Se logra alegre, firme se assegura!

Mal não molesta, foge a desventura,  
Na primavera alegre, ou duro inverno,  
Muito perto do céu, longe do inferno,  
O tempo passa, o passatempo atura.

A riqueza não quer, de honra não trata,  
Quieta a vida, firme o pensamento,  
Sem temer da fortuna a fúria ingrata:

Porém atento ao rio, ao bosque atento,  
Tem por riqueza igual do rio a prata,  
Por aura honrosa tem do bosque o vento.

**À morte do reverendo padre Antônio Vieira**  
**Soneto XIV**

Fostes, Vieira, engenho tão subido,  
Tão singular e tão avantejado,  
Que nunca sereis mais de outro imitado,  
Bem que sejais de todos aplaudido.

Nas sacras Escrituras embebido,  
Qual Augustinho; fostes celebrado;  
Ele de África assombro venerado,  
Vós de Europa portento esclarecido.

Morrestes; porém não; que ao Mundo atroa  
Vossa pena, que aplausos multiplica,  
Com que de eterna vida vos coroa;

E quando imortalmente se publica,  
Em cada rasgo seu a fama voa,  
Em cada escrito seu a alma fica.

**À morte de Bernardo Vieira Ravasco,**

**Secretário do Estado do Brasil**  
**Soneto XV**

Idéia ilustre do melhor desenho  
Fostes entre o trabalho sucessivo,  
E nas ordens do Estado sempre ativo  
Era o zelo da Pátria o vosso empenho.

Ostentastes no ofício o desempenho  
Com pronta execução, discurso vivo,  
E formando da pena o vôo altivo,  
Águia se viu de Apolo o vosso engenho.

Despede a morte, cegamente irada,  
Contra vós a seta rigorosa,  
Mas não vos tira a vida dilatada:

Que na fama imortal e gloriosa,  
Se morrestes como Águia sublimada,  
Renasceis como Fênix generosa.

**Ponderação da morte do padre Antônio Vieira,**  
**e seu irmão Bernardo Vieira Ravasco**  
**ao mesmo tempo sucedidas**  
**Soneto XVI**

Criou Deus na celeste Arquitetura  
Dous luzeiros com giro cuidadoso,  
Um que presida ao dia luminoso,  
Outro que presidisse à noite escura.

Dous luzeiros também de igual ventura  
Criou na terra o Artífice piedoso;  
Um, que foi da Escritura Sol famoso,  
Outro, Planeta da ignorância impura.

Brilhando juntos um e outro luzeiro,  
Com sábia discricção, siso profundo,  
Não podia um viver sem companheiro.

Sucedeu justamente neste mundo,  
Que fenecendo aquele por primeiro,

Este também feneça por segundo.

**A um ilustre edifício de colunas e arcos**  
**Soneto XVII**

Essa de ilustre máquina beleza,  
Que o tempo goza, e contra o tempo atura;  
É soberbo primor da arquitetura,  
É pródigo milagre da grandeza.

Fadiga da arte foi, que a Natureza  
Inveja de seus brios mal segura;  
E cada pedra, que nos arcos dura,  
É língua muda da fatal empresa.

Não teme da fortuna os vários cortes,  
Nem do tempo os discursos por errantes,  
Arma-se firme contra as leis das sortes.

Que nas colunas e arcos elegantes,  
Contra a fortuna tem colunas fortes,  
Contra o tempo fabrica arcos triunfantes.

**A ilha de Maré**

TERMO DESTA CIDADE DA BAHIA  
SILVA

Jaz em oblíqua forma e prolongada  
A terra de Maré toda cercada  
De Netuno, que tendo o amor constante,  
Lhe dá muitos abraços por amante,  
E botando-lhe os braços dentro dela  
A pretende gozar, por ser mui bela.  
Nesta assistência tanto a senhoreia,  
E tanto a galanteia,  
Que, do mar, de Maré tem apelido,  
Como quem preza o amor de seu querido:  
E por gosto das prendas amorosas  
Fica maré de rosas,  
E vivendo nas ânsias sucessivas,

São do amor marés vivas;  
E se nas mortas menos a conhece,  
Maré de saudades lhe parece.  
Vista por fora é pouco apeteçada,  
Porque aos olhos por feia é parecida;  
Porém dentro habitada  
É muito bela, muito desejada,  
É como a concha tosca e deslustrosa,  
Que dentro cria a pérola fermosa.  
Erguem-se nela outeiros  
Com soberbas de montes altaneiros,  
Que os vales por humildes desprezando,  
As presunções do Mundo estão mostrando,  
E querendo ser príncipes subidos,  
Ficam os vales a seus pés rendidos.  
Por um e outro lado,  
Vários lenhos se vêem no mar salgado;  
Uns vão buscando da Cidade a via,  
Outros dela se vão com alegria;  
E na desigual ordem  
Consiste a fermosura na desordem.  
Os pobres pescadores em saveiros,  
Em canoas ligeiros,  
Fazem com tanto abalo  
Do trabalho marítimo regalo;  
Uns as redes estendem,  
E vários peixes por pequenos prendem;  
Que até nos peixes com verdade pura  
Ser pequeno no Mundo é desventura:  
Outros no anzol fiados  
Têm aos míseros peixes enganados,  
Que sempre da vil isca cobiçosos  
Perdem a própria vida por gulosos.  
Aqui se cria o peixe regalado  
Com tal sustância e gosto preparado,  
Que sem tempero algum para apetite  
Faz gostoso convite,  
E se pode dizer em graça rara  
Que a mesma natureza os temperara.  
Não falta aqui marisco saboroso,  
Para tirar fastio ao melindroso;

Os polvos radiantes,  
 Os lagostins flamantes,  
 Camarões excelentes,  
 Que são dos lagostins pobres parentes;  
 Retrógrados cranguejos,  
 Que formam pés das bocas com festejos,  
 Ostras, que alimentadas  
 Estão nas pedras, onde são geradas;  
 Enfim tanto marisco, em que não falo,  
 Que é vário perrexil para o regalo.

As plantas sempre nela reverdecem,  
 E nas folhas parecem,  
 Desterrando do Inverno os desfavores,  
 Esmeraldas de Abril em seus verdores,  
 E delas por adorno apeteçido  
 Faz a divina Flora seu vestido.

As frutas se produzem copiosas,  
 E são tão deleitosas,  
 Que como junto ao mar o sítio é posto,  
 Lhes dá salgado o mar o sal do gosto.  
 As canas fertilmente se produzem,  
 E a tão breve discurso se reduzem,  
 Que, porque crescem muito,  
 Em doze meses lhe sazona o fruto,  
 E não quer, quando o fruto se deseja,  
 Que sendo velha a cana, fértil seja.

As laranjas da terra  
 Poucas azedas são, antes se encerra  
 Tal doce nestes pomos,  
 Que o têm clarificado nos seus gomos;  
 Mas as de Portugal entre alamedas  
 São primas dos limões, todas azedas.

Nas que chamam da China  
 Grande sabor se afina,  
 Mais que as da Europa doces, e melhores,  
 E têm sempre a ventagem de maiores,  
 E nesta maioria,  
 Como maiores são, têm mais valia.

Os limões não se prezam,  
 Antes por serem muitos se desprezam.  
 Ah se Holanda os gozara!

Por nenhũa província se trocara.  
 As cidras amarelas  
 Caindo estão de belas,  
 E como são inchadas, presumidas,  
 É bem que estejam pelo chão caídas.

As uvas moscatéis são tão gostosas,  
 Tão raras, tão mimosas;  
 Que se Lisboa as vira, imaginara  
 Que alguém dos seus pomares as furtara;  
 Delas a produção por copiosa  
 Parece milagrosa,  
 Porque dando em um ano duas vezes,  
 Geram dous partos, sempre, em doze meses.

Os Melões celebrados  
 Aqui tão docemente são gerados,  
 Que cada qual tanto sabor alenta,  
 Que são feitos de açúcar, e pimenta,  
 E como sabem bem com mil agrados,  
 Bem se pode dizer que são letrados;  
 Não falo em Valariça, nem Chamusca:  
 Porque todos ofusca  
 O gosto destes, que esta terra abona  
 Como próprias delícias de Pomona.

As melancias com igual bondade  
 São de tal qualidade,  
 Que quando docemente nos recreia,  
 É cada melancia ùa colmeia,  
 E às que tem Portugal lhe dão de rosto  
 Por insulsas abóboras no gosto.

Aqui não faltam figos,  
 E os solicitam pássaros amigos,  
 Apetitosos de sua doce usura,  
 Porque cria apetites a doçura;  
 E quando acaso os matam  
 Porque os figos maltratam,  
 Parecem mariposas, que embebidas  
 Na chama alegre, vão perdendo as vidas.

As Romãs rubicundas quando abertas  
 À vista agrados são, à língua ofertas,  
 São tesouro das frutas entre afagos,  
 Pois são rubis suaves os seus bagos.

As frutas quase todas nomeadas  
São ao Brasil de Europa trasladadas,  
Porque tenha o Brasil por mais façanhas  
Além das próprias fuitas, as estranhas.  
E tratando das próprias, os coqueiros,  
Galhardos e frondosos  
Criam cocos gostosos;  
E andou tão liberal a natureza  
Que lhes deu por grandeza,  
Não só para bebida, mas sustento,  
O néctar doce, o cândido alimento.  
De várias cores são os cajus belos,  
Uns são vermelhos, outros amarelos,  
E como vários são nas várias cores,  
Também se mostram vários nos sabores;  
E criam a castanha,  
Que é melhor que a de França, Itália, Espanha.  
As pitangas fecundas  
São na cor rubicundas  
E no gosto picante comparadas  
São de América ginjas disfarçadas.  
As pitombas douradas, se as desejas,  
São no gosto melhor do que as cerejas,  
E para terem o primor inteiro,  
A ventagem lhes levam pelo cheiro.  
Os araçases grandes, ou pequenos,  
Que na terra se criam mais ou menos  
Como as peras de Europa engrandecidas,  
Com elas variamente parecidas,  
Também se fazem delas  
De várias castas marmeladas belas.  
As bananas no Mundo conhecidas  
Por fruto e mantimento apeteçadas,  
Que o céu para regalo e passatempo  
Liberal as concede em todo o tempo,  
Competem com maçãs, ou baonesas,  
Com peros verdeais ou camoesas,  
Também servem de pão aos moradores,  
Se da farinha faltam os favores;  
É conduto também que dá sustento,  
Como se fosse próprio mantimento;

De sorte que por graça, ou por tributo,  
É fruto, é como pão, serve em conduto.  
A pimenta elegante  
É tanta, tão diversa, e tão picante,  
Para todo o tempero acomodada,  
Que é muito avantejada,  
Por fresca e por sadia,  
À que na Ásia se gera, Europa cria:  
O mamão por freqüente  
Se cria vulgarmente,  
E não o preza o Mundo,  
Porque é muito vulgar em ser fecundo.  
O marujá também gostoso e frio  
Entre as frutas merece nome e brio;  
Tem nas pevides mais gostoso agrado  
Do que açúcar rosado;  
É belo, cordial, e como é mole,  
Qual suave manjar todo se engole.  
Vereis os ananases,  
Que para rei das frutas são capazes;  
Vestem-se de escarlata  
Com majestade grata,  
Que para ter do Império a gravidade  
Logram da croa verde a majestade;  
Mas quando têm a croa levantada  
De picantes espinhos adornada,  
Nos mostram que entre Reis, entre Rainhas  
No há croa no Mundo sem espinhas.  
Este pomo celebra toda a gente,  
É muito mais que o pêsego excelente,  
Pois lhe leva vantagem gracioso  
Por maior, por mais doce, e mais cheiroso.  
Além das frutas, que esta terra cria,  
Também não faltam outras na Bahia;  
A mangava mimosa  
Salpicada de tintas por fermosa,  
Tem o cheiro famoso,  
Como se fora almíscar oloroso;  
Produze-se no mato  
Sem querer da cultura o duro trato,  
Que como em si toda a bondade apura,

Não quer dever aos homens a cultura.  
Oh que galharda fruta, e soberana  
Sem ter indústria humana,  
E se Jove as tirara dos pomares,  
Por ambrosia as pusera entre os manjares!  
Com a mangava bela a semelhança  
Do macujé se alcança;  
Que também se produz no mato inculto  
Por soberano indulto:  
E sem fazer ao mel injusto agravo,  
Na boca se desfaz qual doce favo.  
Outras frutas dissera, porém basta  
Das que tenho descrito a vária casta;  
E vamos aos legumes, que plantados  
São do Brasil sustentos duplicados:  
Os mangarás que brancos, ou vermelhos,  
São da abundância espelhos;  
Os cândidos inhames, se não minto,  
Podem tirar a fome ao mais faminto.  
As batatas, que assadas, ou cozidas,  
São muito apetecidas;  
Delas se faz a rica batatada  
Das Bêlgicas nações solicitada.  
Os carás, que de roxo estão vestidos,  
São lóios dos legumes parecidos,  
Dentro são alvos, cuja cor honesta  
Se quis cobrir de roxo por modesta.  
A mandioca, que Tomé sagrado  
Deu ao gentio amado,  
Tem nas raízes a farinha oculta:  
Que sempre o que é feliz, se dificulta.  
E parece que a terra, de amorosa  
Se abraça com seu fruto deleitosa;  
dela se faz com tanta atividade  
A farinha, que em fácil brevidade  
No mesmo dia, sem trabalho muito  
Se arranca, se desfaz, se coze o fuito;  
Dela se faz também com mais cuidado  
O beiju regalado,  
Que feito tenro por curioso amigo  
Grande ventagem leva ao pão de trigo.

Os aipins se aparentam  
Coa mandioca, e tal favor alentam,  
Que tem qualquer, cozido, ou seja assado,  
Das castanhas da Europa o mesmo agrado.  
O milho, que se planta sem fadigas,  
Todo o ano nos dá fáceis espigas,  
E é tão fecundo em um e em outro filho,  
Que são mãos liberais as mãos de milho.  
O arroz semeado  
Fertilmente se vê multiplicado;  
Cale-se de Valença, por estranha  
O que tributa a Espanha,  
Cale-se do Oriente  
O que come o gentio, e a lísia gente;  
Que o do Brasil quando se vê cozido  
Como tem mais substância, é mais crescido.  
Tenho explicado as frutas e legumes,  
Que dão a Portugal muitos ciúmes;  
Tenho recopilado  
O que o Brasil contém para invejado,  
E para preferir a toda a terra,  
Em si perfeitos quatro AA encerra.  
Tem o primeiro A, nos arvoredos  
Sempre verdes aos olhos, sempre ledos;  
Tem o segundo A, nos ares puros  
Na tempérie agradáveis e seguros;  
Tem o terceiro A, nas águas frias,  
Que refrescam o peito, e são sadias;  
O quarto A, no açúcar deleitoso,  
Que é do Mundo o regalo mais mimoso.  
São pois os quatro AA por singulares  
Arvoredos, Açúcar, Águas, Ares.  
Nesta Ilha está mui ledos e mui vistoso  
Um Engenho famoso,  
Que quando quis o fado antigamente  
Era Rei dos engenhos preminente,  
E quando Holanda pérfida e nociva  
O queimou, renasceu qual Fênix viva.  
Aqui se fabricaram três capelas  
Ditosamente belas,  
Uma se esmera em fortaleza tanta,

Que de abóbada forte se levanta;  
Da Senhora das Neves se apelida,  
Renovando a piedade esclarecida,  
Quando em devoto sonho se viu posto  
O nevado candor no mês de Agosto.

Outra Capela vemos fabricada,  
A Xavier ilustre dedicada,  
Que o Maldonado Pároco entendido  
Este edifício fez agradecido  
A Xavier, que foi em sacro alento  
Glória da Igreja, do Japão portento.

Outra Capela aqui se reconhece,  
Cujo nome a engrandece,  
Pois se dedica à Conceição sagrada  
Da Virgem pura sempre imaculada,  
Que foi por singular e mais fermosa  
Sem manchas lua, sem espinhos rosa.

Esta Ilha de Maré, ou de alegria  
Que é termo da Bahia,  
Tem quase tudo quanto o Brasil todo,  
Que de todo o Brasil é breve apodo;  
E se algum tempo Citeréia a achara,  
Porém tem com Maria verdadeira  
Outra Vênus melhor por padroeira.

## BERNARDO VIEIRA RAVASCO

Iris parlero, abril organizado  
Ramillete de plumas con sentido,  
Hybla con alma, irracional florido  
Primavera con pies, jardín alado.

Quando en el ayre libre enamorado  
Barbaramente hablavas: oy polido  
Preso te veo, y en vano divertido  
Con la tema de nunca estar calado.

Tu en palacio bien visto, y con cadena!  
Quantos la lloran lastima que toco!  
Si hablas bien ser discreto te condena.

Porque no buelas, gritas como loco;  
Quexate pues, que de palacio es pena,  
Quexarse mucho los que buelan poco.

### Soneto (Diogo Bernardes)

Horas breves de meu contentamento,  
Nunca me pareceu, quando vos tinha,  
Que vos visse mudadas tão asinha  
Em tão compridos anos de tormento.

As minhas torres, que fundei no vento,  
O vento as levou, que as sustinha:  
Do mal que me ficou a culpa é minha,  
Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.

Amor com falsas mostras aparece,  
Tudo possível faz, tudo assegura,  
Mas sempre no melhor desaparece.

Ah triste fado! Ah grave desventura!  
Por um pequeno bem, que desfalece,  
Aventurar um bem que sempre dura.

## Oitavas glosadas ao soneto

1  
Esperei, e esperança é morte amarga,  
E só força de puro amor se atreve  
Em dura ausência a tão pesada carga  
Que no nome de amor se torna leve:  
Nunca me pareceu que de tão larga  
Esperança tirasse um bem tão breve,  
Pois foram as que se foram como o vento  
Horas breves de meu contentamento.

2  
São os gostos de amor imaginados  
Mui grandes sempre, e ficam mui pequenos  
Quando por tempo vêm a ser gozados  
Porque costuma o bem ser sempre menos:  
Nunca me pareceu, gostos passados,  
Que assim vos acabásseis, pelo menos  
Que vos mudásseis em desgraça minha  
Nunca me pareceu, quando vos tinha.

3  
Nunca me pareceu, glórias passadas,  
Que passásseis com o bem que vou seguindo  
Com suspiros, e ais, e com cansadas  
Lágrimas, que dos olhos vão caindo:  
Nunca me pareceu, arrebatadas  
Horas, causas do mal, que estou sentindo,  
No tempo em que com ter-vos me mantinha,  
Que vos visse mudadas tão asinha.

4  
Nunca me pareceu que tanta glória  
Se convertesse em mal, e que eu o vira;  
Deram meus gostos fim; e desta história  
Sempre me lembro, sempre a alma suspira.  
Se perdera com eles a memória,  
Não me lembraram mais, não os sentira,  
Mas ficou-me com ela o sentimento  
Em tão compridos anos de tormento.

5

Nunca me pareceu que me custasse  
Tanto alcançar-vos, e depois de ter-vos  
Nunca tive receio que chegasse,  
Com o tempo vário, o tempo de perder-vos:  
Cuidei que tanto bem nunca acabasse,  
Não soube no princípio conhecer-vos,  
Mas já agora desfez o entendimento  
As minhas torres, que fundei no vento.

6

Quando fingia, a tudo assegurava,  
De nada me temi, vendo-me posto  
Aonde enquanto a alma se elevava  
Dava sinal de bem, de glória, e gosto.  
Mas quanto mais a vista se empregava  
Na falsa luz do Sol, o vi transposto;  
Que as falsas causas desta glória minha  
O vento as levou, que as sustinha.

7

Mil noites padeci de ausência dura  
Por um só dia, que em amanhecendo,  
Logo a sombra senti da noite escura  
Que veio antes de tempo anoutecendo.  
Quão tarde chega um bem, quão pouco dura,  
À vista de meu mal vou conhecendo,  
E pois não vi o mal que depois vinha,  
Do mal que me ficou a culpa é minha.

8

A culpa minha é, e bem pudera  
Culpar do breve tempo a brevidade.  
Foi breve aquele, se outro tal viera  
Perdera do passado a saudade.  
Tão saudoso do bem fique, que dera,  
Se minha fora, minha liberdade,  
Pelo tornar a ver, mas brado ao vento,  
Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.

9

Mil lágrimas me custa um desengano  
De que me desengana um acidente,  
Que na perda do bem se sente o dano  
Se não se perde a vida juntamente.  
Não queira bem quem não quer o desengano,  
Não há mal que o bem que é aparente;  
E se é mal grande o mal que bem parece,  
Amor com falsas mostras aparece.

10

Segui Amor aonde me guiava,  
Mostrou-me não sei quê, que inda desejo,  
Mas se era cego como me mostrava,  
Ou como então não via o que ora vejo!  
Vi, e não vi o mal que me esperava,  
Porque quem vai levado de um desejo,  
Que amor acende, e já aceso apura,  
Tudo possível faz, tudo assegura.

11

Tudo assegura, tudo facilita,  
Impossível por própria natureza,  
Com vozes mudas a razão nos grita,  
Não queremos ouvir, depois nos pesa.  
Esperança adoramos infinita,  
Não mais que por seguir a falsa empresa  
Que um tesouro de bens nos oferece,  
Mas sempre no melhor desaparece.

12

Já passaram por mim estas verdades,  
Mas ainda tenho saudade delas;  
Não sei que força esta é a ter saudades  
De cousas, que não há para que tê-las!  
Sai o piloto dentre as tempestades,  
E logo torna a dar ao vento as velas;  
Deixando pelo mar, terra segura!  
Ah triste fado! Ah grave desventura!

13

Nesta tragédia da vanglória humana  
Nunca entra o bem, o mal sempre é figura  
E só com isto enfim nos desengana,  
Que um voluntário mal nunca tem cura.  
Quem nos leva trás si, quem nos engana  
A aventurar um bem, que se aventura,  
Se amor é o menor mal a que se oferece  
Por um pequeno bem, que desfalece.

14

Por um pequeno bem, que vem aguado  
Por tão pequena luz, que logo morre,  
Aventurar um bem, que aventurado  
Por tantos passos tanto risco corre:  
Foi louco o pensamento, mas forçado  
Um pensamento meu, que não se corre,  
Por glória, que não tem glória segura  
Aventurar um bem que sempre dura.

## Referências bibliográficas

- AMADO, James. Ed. *Obras completas de Gregório de Matos: Crônica do viver baiano seiscentista*. Cidade da Bahia: Janaína, 1969. 7v.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca lusitana*. Lisboa: Oficina de Antônio Isidoro da Fonseca, 1741 (v.1); Oficina de Inácio Rodrigues, 1747 (v.2) e 1752 (v.3); Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1759 (v.4). 4v.
- MORAIS FILHO, Melo. *Parnaso brasileiro*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1885. 2v.
- OLIVEIRA, Manuel Botelho de. *Música do parnasso*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Poesia barroca: antologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- SILVA, João Manuel Pereira da. *Parnaso brasileiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843 (v.1) e 1848 (v.2). 2v.
- TOPA, Francisco. *Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos*. Porto: Edição do Autor, 1999. 4v.